

# APRESENTAÇÃO

*Giselle Moura Schnorr*<sup>3</sup>

*Márcia Baiersdorf*<sup>4</sup>

*Maria Aparecida Zanetti*<sup>5</sup>

No ano do centenário de nascimento de Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira, em sua memória e relevância para a educação mundial, acolhendo sua mensagem de reinventá-lo na busca da construção de inéditos viáveis, no exercício de esperar e reafirmando que outro mundo é possível, com justiça social, onde caibam todas e todos na realização do Ser Mais, da curiosidade epistemológica, da ética e da política como práxis de libertação e da educação como ação cultural libertadora, reunimos, neste Dossiê, escritos de memórias com Paulo Freire, de quando sua presença física se dava no diálogo em torno de utopias coletivas no Brasil e pelo mundo, e, também, artigos que expressam sua presença viva neste agora, como inspiração e indignação para o estudo rigoroso e metódico com outros caminhantes, não sem ele e, por isso mesmo, com a educação criticamente esperançosa em favor da vida digna.

Mais que uma homenagem, sem deixar de sê-lo, esta publicação buscou as dimensões teórico-práticas em sua filosofia da educação, pela qual entendemos ser possível reafirmar a educação como fonte de humanização e de libertação.

- 3 Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino de Filosofia (NESEF/UFPR) e da REDYALA - Rede Latino-Americana de Diálogos Decoloniais e Interculturais. Professora Adjunta no Colegiado de Filosofia da Universidade Estadual do Paraná, campus de União da Vitória e professora permanente do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), Núcleo UNESPAR, campus União da Vitória. Coordena o Programa de Extensão Coletivo Paulo Freire de Filosofia, Educação e Cultura/UNESPAR e o GEEFIL/UNESPAR - Grupo de Estudos e Experiências em Educação Filosófica. E-mail: giselleschnorr@gmail.com
- 4 Pedagoga (1998), mestre (2007) e doutora (2017) pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente é professora do Magistério Superior vinculada ao Setor de Educação (UFPR). Membro do grupo de pesquisas Observatório de Culturas e Processos Político-pedagógicos (OCUPP). Desenvolve projetos de ensino, pesquisa e extensão com escola e crianças, sob a influência do pensamento de Paulo Freire.
- 5 Pedagoga. Mestre e Doutora em Educação pela UFPR. Professora da Universidade Federal do Paraná desde 1994. Participa dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos. Foi gestora da Educação de Jovens e Adultos na SEED/PR de 2003 a 2006 e no MEC de 2007 a 2009. Membro do Observatório de Culturas e Processos Políticos-pedagógicos.

Organizamos os achados dessa busca em duas sessões. A de abertura do Dossiê dedica-se a um conjunto de memórias de encontros com Paulo Freire, narrados por diferentes interlocutores e interlocutoras, convidados e convidadas para registrarem essas lembranças. Em seguida a sessão que reúne artigos de pesquisas e de natureza ensaística, a partir dos quais reconhecemos recortes de práticas e de estudos contemporâneos pelos quais a vida e a obra desse intelectual continuam presentes. Os escritos de ambas as sessões se entrecruzam pela atualidade de seus ensinamentos.

Iniciamos a Seção I, de Escritos Memoriais, com as palavras do educador e artista popular Pita Paiva que ao lembrar de seu encontro com a pedagogia libertadora de Paulo Freire destaca sua proximidade com o Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Pita Paiva nos brinda com a capa em xilografia deste Dossiê.

Nas escritas memorialísticas seguimos e nos encontramos com as andarilhagens de Paulo Freire na América Latina e em África. No sensível e profundo escrito “*Relembrando Paulo Freire*”, de Marcos Arruda, a ação cultural de libertação surge espalhada em uma diversidade de processos educativos e autoeducativos em que a Pedagogia dos oprimidos se fez forte e de onde sua Filosofia da Educação pode ser desenhada, como expressão da práxis e de um modo omnidimensional na transformação o mundo.

Em *Paulo Freire na Bolívia: reminiscências*, de Débora Mazza, nos misturamos a saudade do ser humano que se forjou no encontro com as gentes e nas lutas por emancipação e que diante do luto se reconhece em Elza e mais adiante volta a ser em Nita, mulheres com quem compartilhou a vida e que como ele disse o fizeram e refizeram muitas vezes.

No bojo dessas práticas concretas, encontramos a explicitação da teoria da ação dialógica, e com ela a gnosilogia e a epistemologia que a sustenta, a demonstrar a aprendizagem que precede o ensinar, aquela que se faz forte na sua delicadeza, culturalmente resiliente, mobilizada em coletivos aprendentes, persistentes na denúncia das injustas formas de existir e em compasso com o direito de anunciar a palavra verdadeira. Tal como provoca Carlos Calvo Muñoz, no ensaio *Conjetura desafiante: ¿Freire como mi alumno!*”, que com amorosidade assume em seu relato a recomendação do Buda, sobre a superação do Mestre pelo discípulo ser um ato desejado e necessário na busca pelo conhecimento.

Nessa trilha de superação, os escritos memorialísticos aqui recortados refazem outras recomendações, de atrelar a política com o conhecimento, posto não ser possível a neutralidade em educação. Colocadas ao lado das conquistas e desafios de cada tempo histórico, tais recomendações nos permitem ver, por exemplo, as práticas de educação popular, reflorescidas no enfrentamento às ditaduras em toda a América Latina e ressurgidas no processo de redemocratização do Brasil do final da década de 1980.

É quando Paulo Freire retorna e a partir desse marco, mesmo depois, nos períodos de avanço das políticas neoliberais dos anos 1990,

espalham-se muitas experiências de gestão participativa pelo país, resistindo ao capital neoliberal com apoio nos movimentos sociais, em cidades como São Paulo e Porto Alegre que tiveram suas próprias constituintes escolares como base para a construção de suas redes de ensino voltadas para construção da escola pública, democrática e popular. Época em que Paulo Freire teve sua atuação como secretário de educação na cidade de São Paulo, conduzindo políticas educacionais caras ao tema da gestão democrática dos sistemas de ensino, as quais até hoje repercutem no campo da educação progressista.

A alegria da volta ao país, depois do exílio, e os impactos que sua presença física despertava, marcou a história de vida de muitos educadores e muitas educadoras, como Cesar Nunes, que foi seu motorista e se tornou professor. Com base nas lições do mestre “Cezinha” escreve *“Paulo Freire, histórias vividas, lições inesquecíveis, aprender sempre”*, e explica como orientar pesquisas, movido pela profunda ética e compromisso com uma produção científica de impacto social, para além dos ritos acadêmicos estereis e das traças em teses e dissertações. Na trilha da denúncia do autoritarismo e elitismo da academia, Freire cunhou numa conversa de final de dia a expressão “alpinismo acadêmico” que alicerçaria definitivamente a prática profissional do futuro profissional, professor de filosofia, sobre a ausência de produções de pesquisas desde a práxis.

De São Paulo em direção a Porto Alegre, encontramos a memória de Liana Borges, *“Entre a amorosidade e a justa ira, resistiremos! A presença de Paulo Freire na trajetória de uma professora-educadora popular”*, pela qual vamos entrecruzando outro fazimento, o da estudante que se torna educadora popular. Isso, num momento político tornado propício, pela força popular, e no qual a experiência do movimento social organizado levou Paulo Freire para dentro das escolas cidadãs brasileiras. Inspirada no *quefazer* e a moda freiriana<sup>6</sup> hoje mobiliza muitos Cafés Filosóficos pelo país na promoção de diálogos sobre e com o pensamento de Freire.

Por entre teorias e na prática social, a filosofia da educação na perspectiva libertadora floresceu. Foi se mostrando engajada, relacional a outros campos epistemológicos e em confluência com uma gama de intelectuais – Amílcar Cabral Antonio Gramsci, Karl Marx, Mario Manacorda, Reuven Feuerstein, Emmanuel Mounier, Frantz Fanon, bell hooks – entre demais citados e citadas nos memoriais e artigos colecionados nesta edição.

A educação filosófica surge como uma das frentes possíveis de crítica social, e encontra na proposta de um pensar como resistência um lugar importante para a Educação e a Pedagogia na ótica dos oprimidos e das oprimidas. Bem por isso se torna alvo do delírio supremacista das elites e das formas autocráticas, voltadas ao silenciamento das gentes do povo. De onde se ergue ainda mais vívida a presença de Paulo Freire,

6 Quanto a expressão “freiriana” ou “freireana” esta publicação acolheu a escolha de cada autor/a visto que ambas remetem ao pensamento, a filosofia da educação, de Paulo Freire, não havendo consenso acerca de uma ou outra.

em atos de resistência para dar vazão as muitas marchas de valorização das existências com as quais ele sonhava ver acontecer. Aspecto que Antônio Joaquim Severino e Carlos Rodrigues Brandão, abordam de modo certo ao mostrarem o potencial transgressor de uma filosofia da educação, imbuída da tarefa de desconstruir o pensamento monocrático, a fim de descolonizar a educação.

Com Severino, rememoramos em *“Paulo Freire: a filosofia como leitura do mundo”*, a defesa de uma práxis educativa capaz de desvelar a miopia ideológica da elite dominante. Com Brandão voltamos ao sentimento de saudade, reconhecendo nesse sentir variadas formas de transgressão, posto que *Paulo Freire, a saudade. Sugestão de temas transversais ou transgressivos para os 100 anos de Paulo Freire*, evoca algo dos processos de humanização, descolonialização, interculturalidade, com os quais se fortalece o combate a toda forma de discriminação e de sectarismo.

A partir das memórias aqui reunidas adentramos ao cotidiano, fomos aos cafés, às conversas nos bancos de praça e apreciamos as águas de coco ao fim do dia. Histórias que trouxeram algo de um tempo de antes e de agora. Temporalidades cruzadas em memórias pessoais que se tornaram sociais, as quais na segunda sessão desse Dossiê se somam os artigos inspirados em pesquisas e experiências educativas. Sete artigos a partir dos quais novamente nos deparamos com os passos de Paulo Freire e diálogos que seguem com sua obra. As memórias das gentes que puderam vivenciar de perto diálogos e práticas podem inspirar estudos e pesquisas de recriação do seu legado.

A Seção II, de artigos, expressa sua atualidade, contribuindo nos caminhos intelectuais e de luta, sempre numa relação de corpo inteiro, com afetos e sendo afetados, e por meio de reflexões. Nesses artigos retomamos as questões gnosiológicas e epistemológicas, como no artigo *“Gnosiologia, epistemologia e teoria da ação dialógica em Paulo Freire”*, de Euclides André Mance que analisa o paradigma da libertação com base nos escritos *“Extensão ou Comunicação”* e *“Pedagogia do Oprimido”*, suas influências na América Latina dos anos 1960 para a construção do paradigma da libertação.

Nessa sessão encontramos recortes educacionais específicos e fundamentais como *“Educação em direitos humanos e a atualidade do pensamento de Paulo Freire: a produção de círculos dialógicos em rede”*, de Fabiana Freire França, que relata metodologia de pesquisa em rede com mulheres, população negra, indígena, idosa, LGBTQ+, crianças e adolescentes, por meio de círculos dialógicos, inspirados nos círculos de cultura, que se expressam como espaços de produção de conhecimentos. Pautas em que se expressam, por exemplo, como enfrentamento do racismo e do sexismo, bem como se alinham à perspectiva freiriana quanto aos pressupostos da educação do campo, indígena e/ou quilombola.

Considerando o tensionamento dos debates educacionais dois artigos se somam ao oferecerem a análise e a denúncia das ofensivas reacionárias contra a educação pública, democrática e a pedagogia

libertadora de Paulo Freire: *“O princípio ético freireano como ferramenta de análise do projeto de Lei 867/015 – Escolas sem partido”*, de Alexandre Coutinho de Melo, Daniele Lopes Ferreira e Sabrina Brombim Zanchetta, e o artigo *“Quem tem medo de Paulo Freire? Reflexões sobre a lei da mordida”*, de Marcel Jardim Amaral e Vilmar Alves Pereira.

Se de um lado estão as tentativas de desqualificação do patrono da educação brasileira pela via da criminalização da escola, da universidade pública e suas gentes, de outro está a defesa de uma educação humanista, democrática e plural, tal como ilustra o artigo *“Paulo Freire, educação preventiva integral e desenvolvimento humano”*, de Araci Asinelli da Luz; Michelle Popenha Geraim Monteiro; Tatiane Delurdes de Lima Berton. De onde se vê a retomada de sua história e contribuições, de modo a fazer agigantar sua representatividade em resposta aos ataques sofridos. Isso porque no contrapeso do negacionismo e do ódio insuflado pela ignorância desumanizante, a curiosidade epistemológica desfaz a falácia, e leva ao pensar certo, ao encontro da ciência, da arte e da filosofia. Processos de conhecimentos que aludem a valorização da vida, contra a opressão imposta pela estigmatização veiculada por slogans vazios.

Neste embalo temos, também, a contribuição de Kasandra Conceição Castro com o artigo *“O ensino-aprendizado na educação escolar indígena: o que Paulo Freire tem a contribuir neste processo?”*. Por fim, e não menos importante, o tema da formação de professores é abordado por Nilton Bruno Tonelin, no artigo *“O pensamento de Paulo Freire e a formação de professores na perspectiva decolonial: uma discussão epistemológica e intercultural”*.

Lendo os artigos e as memórias aqui registradas, as organizadoras desta edição não resistiram em trazer, muito brevemente, algumas das suas andanças com Paulo Freire. Somos nós as educadoras Giselle, Maria Aparecida e Márcia que agora entramos na roda de conversação para encerrar essa apresentação do Dossiê Centenário de Paulo Freire: atualidade, memórias e experiências.

“Minha busca é de cumplicidade com o *quefazer de* e com liberdade, liberdade de dizer e aprender nossa palavra que se faz palavra do povo, com o povo. Descobri Paulo Freire nos idos de minha adolescência, quando conciliava trabalho e estudo, àquele para fazer este. Trabalho que não foi qualquer trabalho, mas fazer pedagógico com os excluídos de tudo, com crianças e adolescentes que não tinham o direito de *ser mais*. Neste fazer conheci a práxis do opressor de que fala Paulo Freire e descobri a importância do estudo, de intelectuais comprometidos com a radical superação deste mundo feio, vergonhoso, desumano. Assim me tornei educadora, feita de acertos e erros, de encontros e desencontros, de sonhos e desilusões, de amor e de justa raiva e de compromisso com outro mundo, com outra Escola, com outra Sociedade, que implica em outro fazer educativo e filosófico, outro fazer acadêmico. Dos encontros nasceu o IFIL – Instituto de Filosofia da Libertação, em 1995 e em 2000, surgiu o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Paulo Freire da UFPR, ambos comprometidos,



cada um em sua especificidade, com a pesquisa a partir da práxis de libertação popular, que enquanto tal nos ensina a cada dia que o caminho é este, do estudo sério, rigoroso com o povo, da luta política cotidiana e que são muitos os desafios. Desde então tivemos muitas andarilhagens em diversas práxis educativas e políticas, atualmente, como professora universitária coordenamos o Programa de Extensão Coletivo Paulo Freire de Filosofia, Educação e Cultura, na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de União da Vitória e seguimos tecendo esperanças na construção de inéditos viáveis, desde o ensino, pesquisa e extensão, na educação e na filosofia entrelaçadas como sabedorias insurgentes, memoriais e de re-existência.” (Giselle Moura Schnorr)

“Na leitura de obras de Paulo Freire, além de conhecer suas ideias, conhece-se também o próprio Freire, em sua busca constante de aproximar o dito e o feito, o discurso e a prática, a práxis. Tive a oportunidade de presenciar isto, em sua vinda a Curitiba, em 1992. Fui pedir-lhe que autografasse o livro Educação e Mudança. Ele, recusando qualquer gesto mecânico que negaria a humanização e a amorosidade, perguntou-me por que havia me interessado por aquele livro; mostrou-me a atualidade de algumas passagens da obra e a necessidade de rever outras. Entreguei-lhe, timidamente, como lembrança, uma poesia que falava da amorosidade que une aqueles e aquelas que lutam pela humanização, pelo Ser Mais. Começava dizendo “Eu te amo, porque você ama a mesma causa que eu amo...”. Estava me retirando quando Paulo Freire me chamou para um fraterno abraço. Escreveu no autógrafo do livro o que viveu, “Fraternalmente, Paulo Freire”. Desse encontro com Freire, como pedagoga de uma escola pública, bem como em todos os demais espaços e diversidade de gentes com as quais convivi, aprendendo e ensinando a partir do diálogo que, para Freire é princípio e não simplesmente uma estratégia metodológica. Diálogo que Freire nos ensina, não reduz um ao outro, nem é favor que um faz para o outro e, dialeticamente pensando, nos ensina que não é possível pensar autenticamente se os outros também não pensam (...) e que também não é possível pensar pelos outros nem para os outros e nem sem os outros”. (Maria Aparecida Zanetti)

“Em minha época de estudante do curso de Pedagogia, nos idos de 1994, Paulo Freire não era divulgado na proporção da riqueza de suas contribuições teóricas e práticas. Penso que um sintoma ainda presente na academia, pois que para alguns parece que para ser sério é preciso ser também sisudo. Daí que “um intelectual que não tem medo de ser amoroso” cause no mínimo estranheza. Lembro que minhas primeiras leituras foram Educação como Prática da Liberdade, Pedagogia do Oprimido, Pedagogia da autonomia e Pedagogia da Esperança (exatamente nessa ordem!). O que mais me encantava nessas leituras, é que eu ia percebendo a ampliação da leitura de mundo que eu tinha, sem ver desmerecido o que eu já sabia e sentia. Eu era uma jovem mulher branca, de classe média, pertencente a primeira geração de mulheres da minha família que teve acesso ao ensino superior. Meus pais disseram:

alfabetizar na favela? de noite? Eu disse sim, e o fiz porque me permiti ser indagada, no diálogo direto com educadores e educadoras incriveis (Aparecido Quinaglia, a saudosa professora Maria Célia que nos deixou esse ano, as queridas amigas Maria Aparecida e Giselle). Também me fiz gente, no diálogo com os adultos educandos da Vila das Torres (“que maravilha vai ser quando conseguir ler essa *mundeira* de letras!” dizia Dona Avelina), e também, em sintonia com minhas parceiras extensionistas (Mônica em dose dupla, com as quais tenho ainda hoje um grande querer bem). Isso apenas para citar algumas das experiências a partir das quais me descobri ainda jovem. Constato hoje, ter feito minha travessia, divisor de águas tal como a professora Cida me sugeriu à época – “é preciso molhar as mãos de realidade”, o mesmo dizer lido em Freire, “não posso estar no mundo e com o mundo constatando apenas, como se estivesse de luvas nas mãos”. Desde então não parei mais de frerear, colocando esse intelectual amoroso em diálogo com outras leituras e práticas, me movendo naquele campo semântico tão original, pleno da boniteza das palavras que Paulo Freire criava para expressar a dialética do seu pensar. E nesse percurso já se vão alguns anos, na escola básica, na universidade, na extensão, no ensino-pesquisa, com adultos, jovens e crianças”. (Márcia Baiersdorf).

Concluimos esta apresentação com um poema de Paulo Freire e o desejo de boa leitura:

### Canção Óbvia

Escolhi a sombra desta árvore para  
repousar do muito que farei,  
enquanto esperarei por ti.  
Quem espera na pura espera  
vive um tempo de espera vã.  
Por isto, enquanto te espero  
trabalharei os campos e  
conversarei com os homens.  
Suarei meu corpo, que o sol queimará;  
minhas mãos ficarão calejadas;  
meus pés aprenderão o mistério dos caminhos;  
meus ouvidos ouvirão mais,  
meus olhos verão o que antes não viam,  
enquanto esperarei por ti.  
Não te esperarei na pura espera  
porque o meu tempo de espera é um  
tempo de quefazer.  
Desconfiarei daqueles que virão dizer-me  
em voz baixa e precavidos:  
É perigoso agir  
É perigoso falar  
É perigoso andar  
É perigoso esperar, na forma em que esperas,

porquê esses recusam a alegria de tua chegada.  
Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me,  
com palavras fáceis, que já chegaste,  
porque esses, ao anunciar-te ingenuamente,  
antes te denunciavam.

Estarei preparando a tua chegada  
como o jardineiro prepara o jardim  
para a rosa que se abrirá na primavera.

Paulo Freire<sup>7</sup>  
Genève – março 1971

7 FREIRE, P. *Pedagogia da Indignação*. São Paulo: UNESP, 2000.